

ANTONIO BEZERRA DA SILVA

**A TERCEIRA ONDA E O DESENVOLVIMENTO NAS
FORMAS DE TRABALHO DA HUMANIDADE**

**FACULDADE EÇA DE QUEIRÓS
JANDIRA - MAIO/2010**

ANTONIO BEZERRA DA SILVA

**A TERCEIRA ONDA E O DESENVOLVIMENTO NAS
FORMAS DE TRABALHO DA HUMANIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do título de
bacharel em Administração Geral pela
Faculdade Eça de Queirós.

Prof. Orientador: Me. Rogério de Souza

FACULDADE EÇA DE QUEIRÓS
JANDIRA - MAIO/2010

*O tempo será uma roda que gira
Que nós empurramos ou freamos
O tempo será um brinquedo*

(Andi Deris)

Agradecimentos

À todos os Professores e funcionários da instituição FACEQ, em especial ao Professor Mestre Rogério de Souza por ter tido paciência na orientação deste projeto.

À minha família e todos os meus amigos por terem me dado suporte.

Obrigado a todos sem vocês nada disso seria possível.

Dedico este trabalho à minha família. Eu os amo.

Resumo

Este trabalho de pesquisa aborda a História do homem, desde os períodos primitivos a era da informatização, onde tem como objetivo apontar algumas formas de organização social. Tendo como narrativa uma abordagem crítica sobre a condição social que é imposta sobre as classes sociais menos favorecidas, devido a exploração de seu trabalho, sendo este responsável pela perpetuação de uma elite degenerada.

Abstract

This research discusses the history of man, since the primitive era periods of computerization, which aims to point out some forms of social organization. Having as narrative approach criticizes on social condition that is imposed on the social classes, due to the exploitation of their work, this being responsible for the perpetuation of an elite degenerate.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Desenvolvimento ao longo da História	9
O problema no Trabalho	10
Hipóteses	10
Objetivos	11
Procedimentos técnicos utilizados	11

CAPITULO I

1.1. Pré-História	12
1.2. O Começo da História	13
1.3. A Grécia: O Berço da Civilização Ocidental	15
1.4. Roma na Antiguidade	16
1.5. Idade Média	20
1.6. A Queda do Feudalismo	21
1.7. A Reforma Religiosa	24
1.8. O Poder aos Burgueses	25

CAPITULO II

2.1. Capitalismo e a Revolução Industrial	27
2.2. O Movimento Operário	29
2.3. A Segunda Revolução Industrial	30
2.4. O Capitalismo Monopolista	31
2.5. O Imperialismo e o Darwinismo Social	32
2.6. O Taylorismo e o Fordismo	33
2.7. Administração na Globalização	34
2.8. Toyotismo	37

CAPITULO III

3.1. Terceira Onda	39
3.2. A necessidade de um novo pensamento	41
3.3. A Nova Divisão do Trabalho	43
3.4. A Importância da Revolução Técnico Científica nas Empresas	45
3.5. Administração Informatizada	47
3.6. O novo modelo de Família	50
3.7. Importância do sistema de Informações	53
3.8. Democracia do Século XXI	55

CONCLUSÃO	57
------------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
---	----

INTRODUÇÃO

Desenvolvimento ao longo da História

Desenvolvimento e Tecnologia são as palavras do momento, e isto se aplica a todos os ramos do conhecimento humano, tanto no individual como no coletivo. Mas tais preceitos germinam desde o estabelecimento das primeiras sociedades, onde a busca por melhores condições de vida tornou-se prioridade para tais grupos.

O estudo histórico da sociedade possibilitou que ocorresse uma periodização "... a divisão da História em Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea..." (KOSHIBA, 2000, p.14). Também é possível dividi – lá de outra forma através das ondas do desenvolvimento “uma fase agrícola, a *Primeira Onda*, uma fase industrial, a *Segunda Onda* e a fase da Informatização, *Terceira Onda*” (TOFFLER, 2001, p.18).

Através do estudo da História é possível identificar transformações que possibilitaram no progresso do conhecimento e das estruturas e sistemas sociais, como também possibilita verificarmos que em outros momentos fatos ou organizações foram capazes de retroceder tais estruturas.

Na Administração não é diferente, pois o desenvolvimento social foi o principal ocasionador para o surgimento desta ciência, no sistema capitalista que vivemos hoje ela passou a ser apenas um condicionador para a exploração do trabalho e escravidão do homem no modo de vida consumista e individualista, a religião é outro fator que ditou quais direções a sociedade deveria tomar.

O aumento na capacidade de produção e a redução da mão de obra é sem dúvida uma vertente que surgiu de forma paulatina e se espalhou descontroladamente. A informatização veio globalizar, divulgar e difundir preceitos sociais e corporativos tendo automatizado os meios de produção e informatizar os meios administrativos.

O Problema no Trabalho

Com a evolução da tecnologia, as formas de trabalho, modelos de família, de sociedade e aprendizado mudaram. Devido a estas mudanças ainda não é possível fazer uma análise em que estágio evolutivo nos encontramos, por isso é de suma importância fazer uma verificação histórica para identificar o rumo que a sociedade e os meios administrativos despontam.

A exploração do trabalho não é nenhuma novidade porem, também é indiscutível que ela evolui a passos largos, da mesma forma que os meios de colonização continentais se tornaram diferentes, exemplo: A colonização do norte da America era de povoação em quanto a colonização Sul Americana era extrativa, também podemos verificar que a colonização Africana ocorreu de forma mais devastadora devido ter ocorrido de forma extrativa em um período que as formas de penetração eram mais eficientes. Este exemplo pode nos mostrar que desta mesma forma a exploração do trabalho e da sociedade esta ocorrendo de forma diferente dos séculos que nos sucederam, porem ela ocorre é muito mais intensa.

A sociedade quase que em consenso aceita tais explorações, esta aceitação só é possível devido a forma que ocorreu a evolução do homem como animal-social ou pelo fato de ambos proletário e proletariado, estarem com o mesmo espírito capitalista onde os ganhos justificam os meios? A resposta parece ser simples mas, existem entidades quase invisíveis que direcionam os rumos da sociedade e a interação de individuo para individuo.

Hipóteses

1ª Hipótese: Os ocorridos na primeira onda são os principais agravadores da situação social em que vivemos, por terem sido a base para a interação social, e suas influências serem as que mais estão explícitas nos modelos sociais que a sucederam.

2ª Hipótese: A segunda onda devido a revolução Industrial e a estagnação do sistema de castas, que de forma inata ditou a sociedade ate aquele período,

assim influenciando na economia, nas formas de trabalho, na família e nas interações entre indivíduo e indivíduo.

3ª Hipótese: A terceira onda é a principal causadora da exploração na mão de obra e na renovação social devido aos seus meios sutis de impor tendências, e sua capacidade de rápida evolução. Graças a informatização é possível se falar de aldeia global, algo de forma simples ultrapassa o conceito de globalização.

Objetivos

Objetivo geral: Através deste estudo pretende-se fazer uma análise histórica onde seja possível verificar o desenvolvimento da sociedade e das relações econômicas que influenciam toda a sociedade, principalmente na gestão de empresas, sendo de total importância ressaltar que as religiões bem como a família são de vívida importância para os processos social e na transformação do conhecimento, mesmo estando em períodos históricos diferentes.

Objetivo específico(s): Demonstrar de maneira objetiva a importância que a História teve nos meios de trabalho e em sua manutenção, sendo que a exploração das classes desfavorecidas são nada menos que os responsáveis pela perpetuação das classes favorecidas no poder.

Procedimentos técnicos utilizados

Pesquisa Bibliográfica: foi concebida através da utilização de livros e artigos, caso haja necessidade para o aprofundamento de determinados assuntos que poderão surgir no decorrer do trabalho.

A elaboração do trabalho de conclusão de curso tem sua forma e características seguem as normas e processos do manual fornecido no próprio site da Faculdade Eça de Queirós.

CAPÍTULO I

1.1. Pré-História

A pré história é dividida em duas fases, a primeira é a paleolítica ou idade da pedra lascada (antiga pré história) que ocorreu por volta de 25.000 à 9.000 anos antes de Cristo, onde os homens eram organizados em tribos nômades e coletivistas, sendo uma Sociedade predadora, vivendo em certos territórios pelo período que tal região lhes propiciasse subsídios para a sua sobrevivência, e logo após mudavam-se para outro local em busca de melhores condições de vida, onde o alimento não fosse escasso e que tivesse melhores temperaturas, foi neste período que ocorreu a descoberta do fogo como fonte de calor, proteção de feras selvagens e o cozimento de alimentos. Já o período neolítico ou pedra polida (nova pré história) que ocorreu por volta de 9.000 à 3.000 anos antes de Cristo, foi o período em que os homens passaram a se organizarem em tribos semi nômades graças ao advindo da agricultura. As tribos se concentravam em regiões que fossem propicias ao cultivo de alimentos, quando o solo já não fosse fértil eles migravam para locais onde pudessem estabelecer novamente suas plantações, passando para uma sociedade produtora.

Por hora vamos nos prender no período neolítico onde ocorreram as transformações mais significativas no que diz respeito ao comportamento e organização social.

Alguns historiadores e Filósofos acreditam que o início do período neolítico foi o momento em que as mulheres estavam no topo da pirâmide hierárquica da família elas, eram as lideres da família e as curandeiras (xamãs) sendo responsáveis pelo social e espiritual graças a serem as responsáveis pela agricultura e a educação das crianças, os homens tinham uma posição inferior hierarquicamente falando, onde a caça, pesca e defesa de territórios eram sua principal atividade (ENGELS, 2001).

Por não serem mais obrigados a fazerem mudanças tão constantes e com a possibilidade de somarem reservas de alimentos, a ociosidade tornou propício para o desenvolvimento da criação de animais (pecuária) e em varias artes manuais

fazendo objetos de louça e armas melhores para defesa dos territórios, neste período de acordo com antropólogo LÉVI-STRAUSS “dependemos ainda [hoje] das imensas descobertas que marcaram o que se denomina, sem qualquer exagero, de revolução neolítica: a agricultura, a criação, a cerâmica, a tecelagem... A todas essas artes da civilização, nestes oito ou dez mil anos, temos dado apenas aperfeiçoamentos” (LÉVI-STRAUSS 2000, p.89).

Mas o que também se alterar foram as organizações familiares que passaram por diversas transformações desde a poligamia poliandrial a monogamia. Tais evoluções no modelo da família modificaram todas as estruturas sociais onde “A família é um principio ativo. Nunca permanece estacionária, mas passa de uma forma inferior a uma forma superior, à medida que a sociedade evolui de uma condição inferior para outra superior” (ENGELS, 2001, p. 47) assim passando de estado animalesco para a situação humana. tal conceito de família patriarcal se deu através do surgimento da propriedade privada onde, de modo algum foi fruto do amor sexual individual, com o qual nada tinha em comum, já que os casamentos, antes como agora, permaneceram como casamentos de conveniência. Foi a primeira forma de família que não se baseava em condições naturais, mas econômicas, e concretamente no triunfo da propriedade privada sobre a propriedade comum primitiva, originada espontaneamente.

1.2. O Começo da História

A noção de propriedade começa a germinar no começo da vida sedentária da humanidade (era da propriedade comum privativa), onde todos tinham direitos iguais aos frutos da terra, mas com o aumento da capacidade de produção e armazenamento do alimento, cada vez menos o homem sente a necessidade de se ausentar assim tomando o controle da família, foi uma questão de tempo para surgimento do princípio de riqueza, onde os chefes das tribos passaram a se posicionarem como proprietários de tais terras e para garantir que tais direitos sobre as terras fossem transferidos para seus descendentes tomaram mulheres como parceiras fixas, assim surgindo o modelo monogâmico, sendo a terra herdada de forma hereditária.

De modo algum foi fruto do amor sexual individual, com o qual nada tinha em comum, já que os casamentos, antes como agora, permaneceram casamentos de conveniência. Foi a primeira forma de família que não se baseava em condições naturais, mas econômicas, e concretamente no triunfo da propriedade privada sobre a propriedade comum primitiva, originada espontaneamente. (ENGELS, 2001, p. 75)

O aumento da capacidade de produção ocorreu graças ao estabelecimento das populações nas imediações do rio Nilo, Tigre e Eufrates onde surgiram as primeiras civilizações. O aumento na capacidade produtiva foi propiciada pela qualidade do solo e as técnicas de irrigação onde surgiram as primeiras sociedades urbanas capazes de transformar o ambiente através da construção de cidades, palácios, e templos, mas foi palco da criação da instituição religiosa como código de conduta e leis que regulamentavam a propriedade como patrimônio individual e o direito da defesa de tais bens que no seu geral se identificava através de terras férteis a beira dos rios que propiciavam melhores condições de cultivo assim tornando tais proprietários senhores de alto nível hierárquico dentro da sociedade que se estabeleciam.

O primeiro sistema escrito foi criado por volta de 3400 a.C pelos sumérios no sul da Mesopotâmia, sendo o marco da história da humanidade, pois antes desta data é chamada pré-história, período assim chamado por não possuir escrita impossibilitando o registro de ocorridos em tal momento de desenvolvimento da sociedade.

A pré-história, embora seja bastante mencionada, pouco se sabe de seus principais acontecimentos e o que se sabe é de forma muito vaga. Historiadores tentam reconstituir o modelo deste período através da observação de povos indígenas e de seus costumes, isto torna possível ser feita uma avaliação das similaridades que provavelmente compuseram o desenvolvimento de tais povos assim possibilitando uma concepção dos ocorridos pré-históricos.

1.3. Grécia: O Berço da Civilização Ocidental

Na região onde hoje se localiza a Grécia foi formada a primeira civilização duradoura do mundo ocidental. Uma civilização que, por suas conquistas na área da política e intelectual influenciaram de forma geral o desenvolvimento posterior do mundo.

A civilização da Grécia antiga ou Hélade desenvolveu-se em um território de clima seco e quente, de relevo acidentado, com sítio árido e pedregoso e que possuía um litoral extremamente recortado. O relevo acidentado tornava difícil a comunicação interna, o que ajudava a explicar a evolução política da Grécia, demonstrando que a civilização humana se desenvolve de forma mais abrangente perante dificuldades onde torna necessário que socialmente ela se organize de uma forma onde possa sobreviver de forma mais confortável.

Por volta do século VIII a.C surgiram as Polis ou Cidade Estados, que só foram possíveis de ocorrer graças ao aspecto geográfico da região, sendo formada por um relevo montanhoso e árido que isolava algumas regiões assim dificultando a comunicação e isolava as comunidades humanas, teria levado a este tipo de organização política.

As polis gregas eram divididas basicamente em *Acrópole*, *Ágora*, *Khora* e *Ástey*. A *acrópole* era correspondente à parte mais elevada das polis, onde existiam templos edificadas aos deuses. *Ágora* ficava ao lado e era a parte mais pública da comunidade, onde se situava os mercados, feiras livres e as assembleias do povo. *Khora* era a região agrícola onde moravam os camponeses que eram responsáveis pela sustentação das *Ástey*, local onde se situava as cidades das polis, sendo a parte urbana obtinha as maiores concentrações de pessoas.

Antes de ser mencionada a economia grega, é importante ressaltar que o sistema escravista era de certa forma a base da sociedade na qual os próprios gregos endividados quando não mais podiam saldar suas contas, tornavam-se escravos como forma de pagamento. Outra forma de se tornar escravo era quando uma cidade entrava em guerra contra a outra, os perdedores comumente tornavam-se escravos, também os piratas quando apanhados.

A economia grega era baseada principalmente no comércio entre as polis, que eram praticados geralmente através de navegações, visto que muitas das

principais cidades gregas faziam parte de um arquipélago. Isto possibilitou que a Grécia não deixa-se de progredir. A pecuária grega era geralmente composta por rebanhos de gado e caprinos; a pesca era outra atividade bastante praticada sendo que seu território tinha uma grande costa marítima.

A democracia foi talvez o maior legado deixada pelos gregos, embora não tenha sido o único, a filosofia, o teatro, as artes, os esportes (olimpíadas) entre outros. Os direitos democráticos eram distribuídos de tal forma que os homens livres podiam participar da assembléia, embora o poder executivo fosse controlado pelos poderosos, já as mulheres gregas não tinham direitos políticos e nem o acesso ao voto e participação na assembléia, elas poucos participavam de forma ativa na estrutura social vendo reprimidas, embora tivessem obrigações no que diz respeito ao lar.

Outra herança deixada pelos gregos antigos é a filosofia que se originou no século VII a.C em colônias gregas localizadas na cidade de Mileto quando alguns homens perceberam que tudo podia ser conhecido através da razão humana e que o conhecimento não se limitava apenas as crenças em uma religião politeísta.

Os aspectos da filosofia são: inclinação à racionalidade, explicações variáveis segundo os acontecimentos, banindo assim justificativas pré-moldadas, questionamentos e argumentos relacionados a um determinado caso, de modo que seja apresentadas soluções e/ou respostas concretas, difusão de pensamentos, diferenciação do que é semelhante por meio do pensamento e da razão.

1.4. Roma na Antiguidade

A Roma Antiga estava situada na planície do Lácio, às margens do rio Tibre e banhada pelas águas do mar Tirreno. Ela surgiu através da fusão de dois povos, os latinos e os Sabinos. Porém, com sua conquista pelos etruscos, só tornou-se uma verdadeira cidade. Ao sul tinham como vizinhos os gregos que já existiam como civilização antes mesmo de sua fundação.

Roma, assim como a Grécia, é um exemplo de sociedade baseada no escravismo, embora com algumas particularidades. O principal elemento da estabilidade romana estava na instituição do latifundiário escravista, que se estabeleceu em tal proporção que os gregos jamais tiveram condições de se

igualar, levando em conta suas limitações territoriais e as condições de tais relevos. O escravismo romano possibilitou uma estabilidade econômica e a política do momento encabeçada pelos patrícios, o povo abastardo que, com seu apoio ao militarismo, possibilitou que Roma tornasse a cidade estado sede de uma vasto império.

Assim como os seus vizinhos os gregos, a civilização romana iniciou-se com um regime Monárquico (763-509 a.C), logo após passando por um estado de Republica (509-27 a.C) e antes de seu fim já era um sistema Imperialista (27 a.C – 476 d.C). Este último foi dividido em duas fases: alto Império (27 a.C – 235 d.C) período que o regime político vigente era o principado e baixo Império (235 – 476 a.C) onde o regime político estabelecido era o do dominado.

Desde o período da monarquia a sociedade romana era dividida em duas classes, os patrícios e os plebeus. Sendo os patrícios a classe dominante (camada superior), e os plebeus eram a classe mais pobre (camada baixa).

O período monárquico de Roma caiu graças ao movimento patrício que ia contra ao movimento das reformas servianas onde o monarca Sêrvio Túlio instituiu a fim de reduzir o poder dos patrícios com a criação de favorecimento aos plebeus a tal ponto que algumas tribos plebéias passaram a se tornar patrícias. Mas com o enfraquecimento da civilização etrusca, o sucessor de Sêrvio Túlio, Taquíno Soberbo não conseguiu fazer uma intervenção eficiente em Roma, assim nasceu a republica romana.

Os patrícios, vitoriosos fizeram algumas modificações nas instituições de poder. O senado e os comícios curiados e centuriados permaneceram como estavam, mas o poder antes exercido pelo rei foi dividido e entregue a dois cônsules, que permaneciam apenas um ano no cargo. Desse modo, os patrícios tentaram eliminar o risco de retorno da monarquia. (KOSHIBA, 2000, p. 82)

No início do regime da república romana somente os patrícios tinham direitos a tornar-se senadores e fazerem parte dos comícios, onde a divisão política ocorria de forma que o senador. A magistratura era desempenhada pelos *Consules* e os comícios cabiam aos *Curiatas* e *Centuriatos*. Os plebeus tinham direitos de

participar somente dos comícios *Centuriatos*, criados por Sêrvio Túlio, que era uma assembléia onde todos os cidadãos que tinham servido ao exército tinham o direito de participar. Ou seja, a participação dos plebeus perante a vida política de Roma era ínfima, portanto, nos duzentos anos seguintes à criação da República foram marcados pelos plebeus em busca do direito em uma maior participação na vida política de Roma.

A política romana de expansionismo territorial era uma forma encontrada pelos integrantes do senado que geralmente eram compostos por grandes latifundiários e detentores de grandes números de escravos, em aumentar suas propriedades e na aquisição de novos escravos sendo que a política de guerra romana não era diferente das gregas que consideravam que os inimigos derrotados podiam ser escravizados. Estes artifícios possibilitaram o crescimento econômico em Roma, porém, por volta de 104 a.C os exércitos estavam cada vez menos interessados em apoiar o senado. Desta forma, a força militar romana passava a tornar-se extremamente fiel aos generais que cada vez mais tornavam-se forte perante o senado.

Mas foi em 40 a.C que Otavio, depois de diversos títulos de honra acumulados, fundou o Império Romano. Porém, somente em 27 a.C, Otavio assume o nome de Augustos e se nomeia o primeiro imperador romano graças a várias manobras políticas que as sucederam.

O período do Alto Império (27 a.C – 235 d.C) teve como imperadores as chamadas dinastias que nada mais eram que membros de famílias que se tornavam imperadores através da hereditariedade sendo: Julio-Claudio ou Julio-Claudianos (27 a.C – 69 d.c). Vieram depois as dinastias Flaviana (70 – 96), Antonina (96 – 193) e Severina (193 – 235). Estes últimos marcam o período em que o Império Romano teve a sua maior era de crescimento tanto expansionista como econômica.

No período que compreende o Baixo Império, o Imperador Dioclesio em 284 dividiu o Império Romano em duas metades, a Ocidental (Roma) e a Oriental (Nicomédia), e instituiu a tetrarquia (dois imperadores com os respectivos vices para cada lado). Foi somente no Império de Constantino (306 – 337) que o império foi se unificado e a Capital do império ocidental passou ter sua capital em Constantinopla, antiga cidade grega de Bizâncio.

Foi também Constantino que fundou a Igreja Cristã Católica por volta de 313 após acreditar ter visto uma cruz de luz vermelha na qual estavam escritas a fogo as seguintes palavras: "Com este sinal vencerás". Constantino interpretou isso como uma ordem para se tornar cristão, uma religião que já tinha se popularizado na classe pobre do império, assim sendo ele convocou todas as igrejas cristãs para um conselho, a fim da universalização das premissas da fé cristã na Igreja Católica. Nesse conselho foram organizados os livros que vieram a ser o novo testamento e a partir de uma adaptação do Torá foi formado o velho testamento e unindo os dois testamentos para formar a Santa Bíblia Católica.

O Imperador Teodósio (379 – 395) novamente divide o império. Em 406 o império Ocidental cai “se a vasta extensão foi o principal motivo da grandeza de Roma, com o tempo ela se tornou sua maior fraqueza” (KOSHIBA, 2000, p. 100)

Contudo, quanto mais territórios eram conquistados, mais difícil ficava administrá-los e defendê-los. O império não tinha condições de continuar se ampliando, pois se tornaria ingovernável. Para evitar esses problemas, os romanos decidiram parar com as conquistas. Mas sem guerra não havia reposição de escravos e a economia entraria em crise por falta de mão de obra e foi exatamente o que aconteceu.

Com a Crise Econômica, diminuiu a arrecadação de impostos. Os imperadores passaram a ter dificuldades em manter os funcionários, o exército e arcar com as demais despesas administrativas. Por essa razão o governo romano foi perdendo poder.

O império sofreu inúmeras invasões de diversos povos bárbaros: *Vândalos*, *Visigotos*, *Francos*, *Anglo-saxões*, *Bretões*, *Germânicos*...

Inicialmente os povos bárbaros penetraram no território romano de forma pacífica, como colonos e até mesmo como soldados do exército romano. Depois as invasões foram violentas. Os bárbaros invadiam em busca de terras e para saquear cidades e vilas.

Cada um desses povos foi se apossando de uma região do império. Os exércitos romanos foram sendo derrotados. O golpe final foi dado no ano de 476. Nesse ano, Odoacro, um rei bárbaro derrubou o último imperador romano. Com ele, também cai definitivamente o Império Romano Ocidental.

1.5. Idade Média

A partir do século VIII, quando o feudalismo começou a se constituir, um sistema social que se desenvolveu na Europa medieval, cujo a principal característica era a dominação e exploração da classe serva pelos nobres. O feudalismo era um sistema baseado em castas onde o Clero classe social responsável pelas orações e tudo o que se diz respeito ao Eclesiastes. Nobreza grupo social abastardo que tinha direitos as terras, onde se localizava os senhores feudais, os cavaleiros, os reis e sua corte tendo como responsabilidade a defesa e a expansão do território. Os servos sendo a classe pobre responsável pela agricultura e pecuária e a sustentação das demais classes.

Uma das principais características do feudalismo foi o termino do sistema escravista romano onde território de grandes latifúndios romanos passou a constituir vilas, onde a principais atividades eram a agricultura e pecuária praticada pelos servos.

No final do primeiro milênio da era cristã o catolicismo já era a maior organização religiosa e principal defensora do sistema feudalista, mas com o enfraquecimento do império romano Oriental através das varias investidas de Muçulmanos, Judeus, Cristãos e pagãos. O domínio romano estava sucumbindo, guerras locais eram freqüentes e as ocupações de territórios mudavam constantemente a cada nova década.

As cidades na Europa e na Ásia Menor se tornaram muito populosas, era difícil encontrar trabalho, e as pessoas se tornaram desempregadas e ociosas. Este cenário facilitou muito o trabalho do Papa Urbano II de reunir um exército de Cruzados Europeus para conquistar a então chamada terra santa. A baixa expectativa de vida e ignorância da população foram outros facilitadores no levante de um exercito onde eram facilmente levados pelos ideais de salvação propostos pela Igreja.

Em 1099 o exercito marcha para Jerusalém em busca de salvação e melhores condições de vida, pois os fracassos da primeira cruzada outras lhe sucederam graças ao pego religioso, as cruzadas propiciaram a igreja uma grande fortuna e aos nobres que participaram uma rota de comercio onde iguarias podiam ser compradas a um baixo preço e revendidas na Europa com um valor extremamente e elevado.

As Cruzadas levaram no ímpeto ao comércio. Dezenas de Milhares de europeus atravessaram o continente por terra e mar para arrebatam a terra prometida aos muçulmanos. Necessitavam de provisões durante todo o caminho e os mercadores os acompanhavam a fim de fornecer-lhe o de que precisassem. Os cruzados que regressavam de suas jornadas ao Ocidente traziam com eles o gosto pelas comidas e roupas requintadas que tinham visto e experimentado. Sua procura criou um mercado para esses produtos. Além disso, registrou-se um acentuado aumento na população, depois do século X, e esses novos habitantes necessitavam de mercadorias. Parte dessa população não tinha terras e viu nas Cruzadas uma oportunidade de melhorar sua posição na vida. Freqüentemente, as guerras fronteiriças contra os muçulmanos, no Mediterrâneo, e contra as tribos da Europa Oriental eram dignificadas pelo nome de Cruzadas quando, na realidade, constituíam guerras de pilhagem e por terras. A Igreja envolveu essas expedições de saque num manto de respeitabilidade, fazendo-as aparecer como se fossem guerras com o propósito de difundir o Evangelho ou exterminar pagãos, ou ainda defender a Terra Santa. (HUBERMAN, 1981, p. 27)

1.6. A Queda do Feudalismo

Com o aumento da população os servos até então desmotivados passaram a ver uma oportunidade de melhorar suas condições, uma vez que os excedentes de produção poderiam ser comercializados nas cidades então uma nova fase agrícola surgiu onde os servos procuravam aumentar suas produções através da utilização de técnicas de cultivo mais eficazes, com ferramentas de cultivo feitas a partir do ferro facilitavam na preparação do solo e o tornava mais produtivo o uso de força animal e a construção de moinhos movidos por força eólica e hidráulica

possibilitavam que o trigo principal alimento produzido e consumido na Europa medieval fosse triturado rapidamente e com pouca força humana, uma vez que ele só seria consumido na forma de farinha.

Muitos senhores feudais passaram a incentivar a pagarem as suas obrigações em dinheiro e não mais em espécie. A monetarização das relações entre senhores e servos foi um fator a mais que a economia feudal deixasse de ser de subsistência. O próprio domínio do senhor sobre o servo acabou sendo abalada pela monetarização da economia. Muitos dos servos passaram a buscar novas meios de vida nas cidades.

Muitas das cidades que cresciam estavam dentro de territórios dos senhores feudal daí surgia o descontentamento dos habitantes, pois se viam obrigados a cumprir obrigações aos senhores feudais e o cumprimento de suas leis. Então com o enfraquecimento monetário dos senhores do feudo para obter dinheiro, passaram a vender a autonomia das cidades. Nos feudos que tais compras não eram possíveis à população atreves de luta obtinham tais autonomias, estes levantes populares só foram possíveis graças ao auxílio dos reis que tinham relações muitas vezes dispendiosas com os senhores de feudo.

Principalmente durante os séculos XIV e XV, muitas guerras ocorreram nos diversos países que se formavam na Europa por conta da rivalidade entre os senhores feudais. Aos poucos a autonomia do rei foi se impondo, mas a nobreza continuava a existir e gozando de muito prestígio, riqueza e influência política.

Tal período também foi palco do antagonismo religioso, pois o sistema feudal era o modelo ideal deixado por Deus afirmava a Igreja Católica, onde condena práticas que se popularizavam como a usura (empréstimo perante a cobrança de juros) e o enriquecimento através do comércio, uma nova classe social se formava a burguesia que cada vês mais aumentava seus poderes onde “Os reis sustentavam-se com o dinheiro da burguesia, e dependiam, cada vez mais, de seu conselho e ajuda no governo de seus crescentes reinos” (HUBERMAN, 1981, p. 85).

A era dos descobrimentos ou das grandes navegações ocorreu no período que compreende dentre o século XV ao XVII d.C onde os europeus através de grandes navios a vela buscavam incessantemente obter rotas comerciais melhores e mais rápidas, este movimento deve como pioneiros Portugal e Espanha que estabeleceram relações com os continentes Asiático, Africano, e Americano.

Período quais muitos consideram como o início da globalização sendo de todo o globo terrestre estava sendo mapeado e ocorria à colonização de territórios até então inexistentes para os Europeus.

A América era a oportunidade que a Europa esperava para reduzir sua população ociosa que inundava as grandes cidades. O expansionismo inicialmente financiado pelos reis europeus passou ser também financiado pela Igreja que via a oportunidade de expandir a fé cristã no novo continente.

Houve duas formas de Colonização na América a de extração e povoamento, os países hoje considerados latinos foram colonizados através do método de exploração, ou seja, apenas forneciam riquezas oriundas da natureza (madeira, pedras preciosas, entre outros) e cultivavam produtos tropicais (cana-de-açúcar, café, borracha, entre outros). Em resultado a essa intensa exploração, os países latinos herdaram desse período um grande atraso socioeconômico que reflete nos dias atuais, Por outro lado, os países que fazem parte da América Anglo-saxônica tiveram uma colonização de povoamento. Isso quer dizer que o interesse da metrópole era povoar e desenvolver o lugar. Nesse tipo de colonização a intenção não estava ligada à exploração de riquezas com a finalidade de enviá-las para a metrópole, e sim de abastecer os próprios habitantes. Em resumo, as riquezas produzidas permaneciam no país.

Outro movimento de abalou o século XV foi o renascimento ou humanismo que iniciou-se em Florença, na Itália onde através do estudo de textos da antiguidade clássica passaram há criticavam a Igreja que controlava as ações humanas e colocava Deus no centro do universo.

Foi também na Itália que se iniciou o renascimento científico que significou uma revolução no conhecimento da astronomia, da matemática, da física e da medicina. O renascimento a política também começou a se tornar independente da profunda influência da Igreja, foi Nicolau Maquiavel (1469 – 1527) quem procurou mostrar como deve agir um governante para fortalecer o seu poder e mantê-lo.

O Desenvolvimento artístico e científico do renascimento foi acompanhado por importantes inovações técnicas, entre as quais destaca a invenção da imprensa mais foi Johann Gutengerg (1400 – 1468) que inventou a imprensa de tipos móveis. Com ela podia-se montar qualquer texto, pela simples manipulação dos tipos. Com a invenção da imprensa ficou mais rápido e fácil a reprodução dos livros

e isso contribuiu para o desenvolvimento da literatura renascentista, para a divulgação das idéias humanistas e da reforma religiosa.

1.7. A Reforma Religiosa

O movimento reformista foi encabeçado pelo alemão Martin Lutero (1483 – 1546) que em uma leitura do livro Romanos 1.17 "O justo viverá por fé" fez uma interpretação que a vida eterna não é conquistada por boas obras, mas são dados gratuitamente por intermédio da fé, após seu rompimento com Igreja Católica se dedicou a tradução da bíblia sendo esta a primeira tradução para uma língua pagã.

Porem somente com João Calvino (1509 – 1564) e sua visão pietista que possibilitou os movimentos religiosos independentes. A nova concepção da fé cristã rompia sem precedentes os pilares Católicos, alteraram drasticamente a sociedade da época uma vez sendo rompido o pensamento feudalista, onde a formação social não necessitava se organizar através dos três níveis de castas, Clero, Nobreza e Servo.

Logo o pensamento atraiu à nova classe econômica que era subjugada pela igreja, a burguesia via a possibilidade de manter sua forma de vida sem estar contra os desígnios de Deus.

O movimento religioso puritanista surgiu na Inglaterra com influência do calvinismo, sendo assim chamado por ter como principio purificar a Inglaterra das concepções Católicas e tendo como pretensão difundir-se de tal forma que poderia suprimir a igreja Anglicana.

O movimento protestante se opôs a igreja católica, e todos os seus modelos contribuindo para o crescimento de uma nova vertente econômica, o capitalismo. Isto graças ao fato de ter sido acolhida pela burguesia. O protestantismo possibilitou que vários outros movimentos pudessem vir a ocorrer assim trazendo para a Europa um amanhecer no que diz respeito há filosofia, ciência, arte, economia e liberdade de pensamento. No entanto a forma de vida protestante divergiam entre si Max Weber afirma que "Notória a diferença e tão impactante para as pessoas da época, entre o padrão ético cortes reais calvinistas e o das luteranas, tantas vezes mergulhadas em farra e bebedeira". (WEBER, 2004 p.

116). Sendo que o luterismo acreditava que a salvação ocorria apenas através da fé.

Em tanto é importante ressaltar que toda a influência exercida pelos movimentos protestantes não contribuíram de forma pré-pensada para tal desenvolvimento e sim ocorreram de forma ocasional, no entanto até mesmo a família sofreu transformações consideráveis em sua estrutura tornando as mulheres mais ativas e lhes tirando de certa maneira o peso de que a Igreja Católica atribuía ao pecado original onde a pré-destinação as absolvía, sendo tudo apenas um desígnio de Deus.

1.8. O Poder aos Burgueses

No decorrer dos séculos XVI e XVII, a burguesia desenvolveu a produção de mercadorias, ficou com grande parte dos lucros do comércio colonial e assim acumulou em suas mãos vultosos capitais.

Ao mesmo tempo a economia europeia foi se transformando. O artesanato medieval foi sendo substituído por sistemas de produção mais eficientes, como as manufaturas, e finalmente, no final do século XVIII, uma série de invenções resultou no surgimento da grande indústria. Esse processo é conhecido como revolução industrial onde começa a chamada Segunda Onda.

... Os camaradas artesãos católicos mostram uma tendência mais acentuada a permanência no artesanato tornando-se, portanto mestres artesãos com freqüência relativamente maior, ao passo que os protestantes afluem em medida relativamente maior para as fábricas para aí ocupar os escalões superiores do operariado qualificado e dos postos administrativos. (WEBER, 2004 p. 32)

No entanto, a direção da economia pelo estado monárquico, por meio da regulamentação mercantilista, em vez de beneficiar a burguesia, começou a prejudicar seus negócios. A liberdade de comércio passou a ser sua grande meta.

Mas, para alcançá-la, a burguesia inglesa teve que lutar, no século XVIII, contra os reis absolutistas, em 1868 conseguiu assumir o controle político do país,

submetendo a monarquia ao poder do parlamento. Um século depois, pois em 1789, a burguesia francesa liderou uma grande revolução, pondo fim ao absolutismo na França.

Assim a sociedade europeia foi assumindo as características de uma sociedade capitalista. Tendo uma economia baseada na produção industrial e no trabalho assalariado dos operários e, além disso, o estado estava sob o controle da burguesia.

Por outro lado, a luta dos burgueses europeus contra o absolutismo repercutiu também na América. No século XVIII, as colônias inglesas da América do Norte fizeram sua revolução de independência, e no início do século XIX o mesmo ocorreu com as colônias portuguesas e espanholas.

CAPITULO II

2.1. Capitalismo e a Revolução Industrial

O Capitalismo desde que surgiu, no século XVIII, é descrito como a busca de lucro. Isso não é falso, mas, na realidade, não o define bem, pois muitos outros sistemas também visam ao lucro sem serem capitalistas.

O aspecto essencial do capitalismo é a produção de mercadorias. Isso significa que antes de qualquer coisa, o sistema produz objetos para o mercado, isto é, produtos que devem ser vendidos. Se não se consegue vender o que é produzido, o sistema entra em crise, ou talvez o simples fato de produzir em excedentes é uma busca máxima pela chamada maximização dos lucros que ocorre de forma selvagem e desmedida.

Tudo é transformado em mercadoria, até a força de trabalho. Os trabalhadores haviam sido expropriados onde perderam tudo só lhes restando a força de trabalho. E no capitalismo eles passaram a vendê-la em troca de salário.

Partia-se da idéia de que a economia era regulada por leis naturais, como a da oferta e demanda, e que, por isso, toda intervenção era antinatural e desnecessária.

E a contar do século XVI multiplicam-se os nomes de filósofos e cientistas, com o culto da natureza, da experiência, da mecânica. [...] Aparecem as associações para o estudo da realidade. Ganha impulso o ensino técnico, até aí descurado. Revê-se o culto dogmático da tradição, outrora vivo, com posições de reexame do que fora dito por filósofos vistos por definitivos em tudo, Se antes havia cabala, a astrologia, a magia, a alquimia, agora há a experiência que dá sentido científico aos estudos às inquietações. A técnica, em suas feições mecânicas, passa a ser considerada. Surge a ciência moderna, antidogmática, fundada no experimentalismo. Essa mudança de mentalidade representa transformação intelectual

e cria o clima de crítica sistemática. Entre os muitos de seus efeitos assinala-se o interesse pela indústria, para o qual a nova maneira de ver contribuiu decisivamente. (IGLESIAS, 1981, p.82)

Por volta de 1760, ocorreu, na Inglaterra, uma modificação tão importante na maneira de produção que alterou, de forma drástica, toda a maneira de viver da sociedade inglesa. Essa modificação, mais tarde, espalhou-se por outros países, provocando efeitos idênticos. Trata-se do processo conhecido como Revolução Industrial.

A modificação na maneira de produção foi a introdução da energia mecânica nos processos produtivos. As máquinas, que até então eram movidas apenas pela energia humana, passaram a utilizar a energia a vapor.

Graças ao desenvolvimento marítimo e comercial, a Inglaterra acumulou uma grande quantia de capital, que estava nas mãos da burguesia, que por sua vez estava muito interessada em diversificar suas atividades, participando ativamente da produção de artigos a serem comercializados.

Por outro lado, o governo inglês baixou Atos de Navegação que transformaram a marinha inglesa na maior do mundo, em condições de atingir todos os continentes. O mercado mundial estava à disposição dos produtos ingleses. Mas a manufatura não conseguia produzir muitos excedentes, pois utilizava energia humana, que necessitava de repouso. Para abastecer o mercado mundial, portando, era necessário inventar um novo processo de produção que utilizasse uma nova forma de energia que pudesse ser utilizada de forma ininterrupta nos processos produtivos. Assim as máquinas passaram a ser inventadas a fim de sanarem ao problema que existia nas capacidades produtivas dos métodos de produção do momento, desta forma, em pouco tempo era possível produzir mais e com melhor qualidade.

Matérias primas não eram um problema, pois aqueles que não existiam em solo inglês poderiam ser facilmente buscados em outras partes do mundo, graças à poderosa marinha.

É importante ressaltar que já em 1765, foi inventada a máquina de fiar spinning jenny, de James Hargreaves, que podia substituir por volta de 200 funcionários. Em 1769, Richard Arkwright apresenta o bastidor hidráulico. Somente

em 1779, Samuel Crompton uniu as duas invenções em uma criando uma máquina de tear em hidráulica, com o aumento na capacidade de produção de fios. Em 1785, Edmund Cartwright criou a tear mecânico que permitiu ser aproveitada a capacidade excedente de fios, este foi o tear que passou a utilizar uma nova forma de energia. A máquina a vapor foi aperfeiçoada por James Watt, graças a tal aperfeiçoamento foi o impulso decisivo para a Revolução Industrial Inglesa.

2.2. O Movimento Operário

Com a revolução industrial, os métodos produtivos passaram por grandes transformações. Graças ao alto custo das máquinas, os mestres artesões não tinham condições de adquirir tais equipamentos, então cada vez mais, a burguesia passava a comprar máquinas e fundar indústrias.

Os Mestres artesões logo perceberam que estavam sendo prejudicados com a nova forma de produção, e o distanciamento na capacidade produtiva que acarretava em produtos muito mais baratos, tornando impossível a concorrência entre os dois métodos produtivos.

Pouco a pouco os artesões passaram de donos de seus próprios negócios para funcionários de fábricas, agravando ainda mais o seu descontentamento com sua situação atual.

Revoltados com as condições que lhe eram infligidas aos artesões organizaram-se em grupos e atacavam as fabricas e queimavam as maquina, as quais eles consideravam como sendo as culpadas pela sua desgraça, isto ficou conhecido como Ludismo.

Com a intensificação dos ataques, os operários de tais indústrias também aderiram ao movimento, por suas condições de trabalho serem cada vez mais precária, onde Karl Marx afirma que “Os trabalhadores só se sente à vontade no seu tempo de folga, porque o seu trabalho não é voluntário, é imposto, é trabalho forçado” outro problema que o autor do capital aponta é que “Os que no regime burguês aqueles que trabalham não lucram e os que lucram não trabalham”(MARX, 1986, p.86). Tais fatores traziam cada vez mais adeptos operários aos ataques as indústrias.

Mas logo com a desativação das fabricas ele se viam jogados no desemprego e na miséria. Depois de algum tempo, os operários começaram a perceber que o problema não estava na fabrica, nem nas maquinas, mas sim na forma que os burgueses organizavam os seus meios de produção.

No início do século XIX, os movimentos operários na Inglaterra tomaram proporções em massa, que organizavam motins e petições. Através da organização dos trabalhadores surgiu a idéia de sindicato que vinha como uma nova força no cenário político.

2.3. A Segunda Revolução Industrial

Grandes alterações ocorreram a partir da 2ª metade do século XIX, caracterizando, portando, uma nova fase do processo industrializante, tal fase é conhecida como A Segunda Revolução Industrial.

As modificações no tocante à utilização de novas fontes de energia como combustível para as máquinas; a eletricidade e os derivados de petróleo passaram a ser utilizados com mais intensidade do que o vapor. As máquinas tornaram-se mais modernas e eficientes, com um grau de automatização muito maior.

Quando Edwin Drake perfurou o primeiro poço de petróleo em 1859, na Pensilvânia (EUA), decorrido apenas 5 anos após a descoberta o petróleo passou também a ser chamado de ouro negro. Nos Estados Unidos, nada menos que 540 empresas petrolíferas passaram a existir tornando-se a principal fonte de energia para a indústria e transporte além de seu refino propiciar substâncias que podem gerar cerca de 3000 produtos diferentes.

A situação dos trabalhadores também se modificou um pouco, porque eles se organizaram em sindicatos, que passaram a lutar por melhores condições de trabalho, de salário, enfim, pelos direitos que até então, lhes eram negados.

O trabalho feminino e o infantil foram regulamentados, sendo até mesmo proibidos em determinadas indústrias.

Muitas outras nações se industrializaram nesse período, valendo destacar a Alemanha (1870), o norte da Itália (1870), a Rússia (1890) e, fora da Europa, os Estados Unidos (aceleradamente a partir de 1865) e o Japão em (1868).

A existência de muitos países industrializados demonstrava que a produção de mercadorias aumentava de forma extraordinária e, conseqüentemente, a disputa por mercados consumidores iria se tornar séria, podendo até mesmo, produzir conflitos entre as grandes nações industrializadas.

Os novos métodos de produção propiciados por máquinas cada vez mais produtivas, segundo Alvin Foffler “O industrialismo rompeu a união da produção e do consumo e separou o produtor do consumidor” (TOFFER, 2001, p. 62) assim o trabalhador já não era mais capaz de quantificar o real valor de sua mão de obra propiciando um afastamento maior entre as classes sociais, dando espaço para o abuso e exploração de sua mão de obra.

2.4. O Capitalismo Monopolista

Na segunda metade do século XIX, o capitalismo assume uma nova feição quando as pequenas e médias empresas passaram a ser suplantadas pelas grandes empresas e associações. Estas concentraram, cada vez mais, o capital e a produção de mercadorias.

Os pequenos negociantes foram expulsos do mercado pelos grandes. O pequeno negócio foi esmagado pelo grande negócio, ou com ele se fundiu para fazer um negócio ainda maior. Em toda parte houve crescimento, fusão, concentração – indústrias gigantescas se formavam, indústrias que buscavam o monopólio. (HUBERMAN, 1981 p. 252)

Exemplo dessas empresas são os trutes, os cartéis e as holdings:

- Trutes é a fusão de varias empresas, com o objetivo de monopolizar a produção.
- Cartel é um acordo entre empresas do mesmo ramo, visando dominar o mercado e impedir a concorrência.
- Holdings é uma empresa que exerce controle acionário sobre várias empresas que atuam em diferentes ramos da produção.

Essas grandes empresas tinham condições de impor os preços que bem entendiam. Fica claro, portanto, que a lei da oferta e procura nunca foi tão natural como diziam os economistas.

Como resultado desse processo de concentração de capital, os interesses entre os bancos e as indústrias cresceram, pois elas dependiam deles para empréstimos e financiamentos. À essa associação deu-se o nome de Capital financeiro, outra importante característica da nova fase do capitalismo.

Devido a todas essas mudanças, o sistema cresceu, mas passou por crises graves, mas graças as melhorias tecnológicas contribuíram para o aumento extraordinário da produção. Como os mercados não cresceram na mesma proporção veio a crise, e para tentar superá-la, os europeus passaram a buscar dominar outros continentes. Criando a era do imperialismo.

2.5. O Imperialismo e o Darwinismo Social

Na segunda metade do século XIX, intensificou-se o processo de expansão imperialista que se estendia até a início do século XX. Irradiando-se a partir dos países europeus industrializados, especialmente da Inglaterra, esse processo levou à partilha dos continentes Africano e Asiático. Na mesma época, também Estados Unidos e Japão exerceram atividades imperialistas especialmente em suas regiões de influência.

Tendo como principal busca novos mercados consumidores e países que obtivessem jazidas de minerais que suprissem as necessidades de matéria prima dos países industrializados, também estava em seu interesse a obtenção de fontes de energia para abastecer as suas indústrias. O colonialismo do século XIX, permeado pelo ideal de supremacia econômica e cultural, formou o mito da superioridade racial, incluindo concepções pseudo-científicas que enalteciam os brancos e a exploração imperialista. Por esse motivo destacou-se a doutrina racista do filósofo inglês H. Spencer, conhecido por darwinismo social.

Segundo Spencer, a teoria da evolução, de Charles Darwin, podia ser perfeitamente aplicada a evolução da sociedade, assim como existia uma seleção

natural entre as espécies, com o predomínio dos animais e plantas mais capazes, ela existe também na sociedade:

A luta pela entrada a sobrevivência entre os animais correspondia à concorrência capitalista; a seleção natural não era nada além da livre troca dos produtos entre os homens; a sobrevivência do mais capaz do mais forte era demonstrada pela forma criativa dos gigantes das indústrias, que engoliam os competidores mais fracos, em seu caminho para o enriquecimento. (BRUIT, 1986, p. 9)

2.6. O Taylorismo e o Fordismo

O Taylorismo é a organização do trabalho sistematizada pelo engenheiro norte americano Taylor por volta de 1900, consiste na rígida separação do trabalho por tarefa e níveis hierárquicos (executivos e operários). Existe um controle sobre o tempo gasto em cada tarefa e um grande esforço de racionalização, de forma que a tarefa seja executada num tempo mínimo. O tempo de cada trabalhador passa a ser vigiado e cronometrado, e aqueles que produzem mais em menos tempo recebem prêmios como incentivo; com o tempo, todos serão obrigados a produzir em um tempo mínimo uma certa quantidade de peças ou produtos. O Taylorismo aumentou a capacidade produtiva das fábricas, mas também a exploração do trabalhador, que passa a produzir mais em menos tempo.

Como complemento do Taylorismo surgiu por volta de 1920 o Fordismo, que consistia num conjunto de métodos voltados para produzir em massa, em quantidades jamais vistas antes. O Fordismo absorve algumas técnicas do Taylorismo, mas vai além, trata de organizar a linha de montagem de cada fábrica de forma a produzir mais, inclusive controlando melhor as fontes de matéria prima e de energia, a formação da mão de obra, os transportes, o aperfeiçoamento das máquinas para ampliar a produção, entre outras. O Fordismo cujo o nome vem da indústria norte americana Ford, um pioneiro da indústria automobilística no início do século XX, buscava ampliar a produção e também o consumo.

Produção em massa e consumo em massa são os grandes ideais do fordismo, que marcou a supremacia industrial dos Estados Unidos ao longo do século XX, e foi adotada praticamente em todos os países industrializados. Nos demais países pode até haver um fordismo parcial.

2.7. Administração na Globalização

A Globalização é um processo de integração mundial que se baseia na liberalização econômica internacional. Através da eliminação paulatina de taxas tarifárias que protegem uma determinada produção da concorrência estrangeira, os países se abrem ao fluxo do comércio internacional de bens, serviços e capitais. Este ambiente possibilita o crescimento das corporações transnacionais ou multinacionais, que exercem papel decisivo na economia Global.

A abertura de mercado compreende, na realidade a extensão de uma organização para ambientes gradativamente mais amplos através do fim das economias nacionais e de uma integração cada vez maior dos mercados, dos meios de comunicação e dos transportes.

A Globalização se demonstra, nesta discussão, como ambiente contextual, pois a mesma reúne condições de atuar através do espaço herdado de tempos passados, compreendendo enfoques organizacionais construídos através da evolução do pensamento administrativo, que se remodelam em função das novas necessidades de mercado mundial.

No século XIX, o filósofo e economista alemão Karl Marx, afirmava que o capitalismo punha no lugar da auto-suficiência e do isolamento das nações uma circulação universal, uma interdependência geral dos países; em decorrência, o capitalismo tendia a anular o espaço por meio do tempo, isto expressa, a tendência a redução de um mínimo tempo tomado pelo movimento de um lugar a outro.

Os Economistas Liberais constituem os agentes iniciais do pensamento administrativo de nossos dias. Adam Smith, economista escocês, o mais influente teórico da Economia Clássica, já visualizava o princípio da especialização dos operários em uma manufatura de agulhas e já enfatizava a necessidade de se racionalizar a produção. Tal olhar prevê a futura divisão do trabalho que ocorre logo durante os movimentos administrativos clássicos que diferem em nível de

especialização da divisão do trabalho que ocorreu antes da revolução industrial ainda nas oficinas.

A administração do trabalho tornou-se uma abordagem mais detalhada dos tempos e movimentos proporcionando uma reordenação dos procedimentos nas indústrias através da repetição como estrutura para a especialização e otimização da força de trabalho, e a Divisão do Trabalho compreende neste contexto como decorrência na tentativa de elevar a produção através das tarefas, sendo este o principal desafio da época.

Foi justamente esta ênfase nas tarefas que fundamentou a Escola da Administração Científica a partir dos esforços de Frederick Taylor. Seus trabalhos abrangem um sistema de normas voltadas para o controle dos movimentos do homem e da máquina no processo de produção, incluindo propostas de pagamento pelo desempenho dos operários.

Neste momento, Henry Ford, um dos precursores da Administração Científica, cria um conjunto de métodos de racionalização da produção, que se dedicava a produzir um tipo de produto, através de uma estrutura verticalizada de produção, chegando a dominar não apenas as matérias-primas, mas até o transporte de seus produtos. O trabalho era altamente especializado, com cada operário realizando apenas um tipo de tarefa. Entretanto, não admitia especialistas em Administração nem queria pessoas formadas em universidades no seu quadro de funcionários. Já Henry Ford, um dos precursores da Administração Científica, cria um conjunto de métodos de racionalização da produção, que se dedicava a produzir um tipo de produto, através de uma estrutura verticalizada de produção, chegando a dominar não apenas as matérias-primas, mas até o transporte de seus produtos. O trabalho era altamente especializado, com cada operário realizando apenas um tipo de tarefa. Entretanto, não admitia especialistas em Administração nem queria pessoas formadas em universidades no seu quadro de funcionários.

Se feita uma análise da Administração, pode-se verificar que a contextualização da teoria mecanicista desenvolvida por Frederick Taylor e Henry Ford foi nada mais que um processo trazido através das necessidades que a globalização inferia aos métodos produtivos e conceitos administrativos e estruturais, tendo como vista uma maior capacidade produtiva para posicionar-se de forma mais eficaz perante a concorrência.

O conceito de estrutura antes de qualquer coisa significa a análise interna de uma totalidade em seus elementos constitutivos e suas relações entre si, além do seu aspecto totalizante, o estruturalismo é fundamentalmente um elemento comparativo. Desta forma o estruturalismo está voltado para o todo e relacionando partes antes isoladas como corpo fundamental de uma organização administrativa.

Neste sentido, o Estruturalismo destaca a questão da interação dos grupos sociais dentro de uma organização e focaliza o estudo desta interação em relação ao conjunto das organizações no ambiente da sociedade, como uma unidade.

O caráter de unidade, atribuído às organizações, foi vagarosamente se transferindo para a totalidade do mercado mundial em virtude de uma necessidade integradora das relações comerciais.

Assim, é possível entender porque inúmeras divisões do conhecimento passaram de forma abrangente a abordar os seus objetivos de estudo como sistemas. Hoje, verifica-se que o contexto da globalização da economia demanda uma integração dos agentes econômicos dentro de uma realidade competitiva de mercado, o que requer a necessidade de uma concepção mais real dos meandros de todas as atividades, para que se possa obter melhores avaliações dentro de uma conjuntura moderna e dinâmica como a estrutura social em que vivemos.

Por isso, os trabalhos voltados à pesquisa e desenvolvimento organizacional estão recorrendo aos estudos da abordagem sistêmica como suporte e referência para melhor atender as demandas destes agentes econômicos através de uma interpretação mais aprimorada dos objetivos organizacionais.

No entanto, a velocidade das mudanças e os desafios do mundo globalizado demonstram uma necessidade de abordagens contingenciais pois tais mudanças tornam-se cada vez mais difíceis de se analisar para onde apontam.

Nesta, não se alcançaria a eficácia organizacional seguindo um único e exclusivo modelo organizacional. Assim, não existiria uma forma única e mais indicada para administrar metas variadas das organizações dentro de um ambiente variado.

Após estudar estes variados ambientes, a socióloga industrial Joan Woodward, concluiu que o desenho organizacional é afetado pela tecnologia utilizada pela organização. A tecnologia, ao permear toda a atividade industrial e participar de todo tipo de atividade humana, em todos os campos de atuação, evidencia cada vez mais que as organizações utilizam alguma forma de tecnologia

para alcançar seus objetivos através da realização de tarefas. É indispensável colocar um pouco de ordem nesta discussão. Sob contexto global, observa-se um processo muito antigo, que continua a se expandir. A Globalização não é um fenômeno recente, e a geografia política e econômica do mundo em que vivemos é fruto deste processo. O ponto de partida deste processo, que remonta às Grandes Navegações europeias dos séculos XV e XVI e é abordado por Karl Marx no século XIX, sob análises preliminares, se depara nos dias de hoje com o surgimento da era da informação, graças ao grande impacto provocado pelo desenvolvimento tecnológico e pela tecnologia da informação.

Hoje os processos administrativos tomam como base a chamada Administração participativa, que enfoca uma relação mais branda entre os níveis hierárquicos da empresa, tais processos possibilitaram uma evolução no pensamento coletivo e na estrutura organizacional.

A Administração participativa é uma das idéias mais antigas da administração. [...] É uma idéia que nasceu na Grécia, há mais de 2.000 anos, com a invenção da democracia. Apesar disso, é uma idéia moderna, que integra as partes mais avançadas e é considerada um dos novos paradigmas da Administração. (MAXIMIANO, 2004, p. 211)

2.8. Toyotismo

O Toyotismo é um sistema administrativo desenvolvido nas décadas de 50 a 70, que surgiu como uma nova forma de organização do trabalho. Tendo como idealizador o vice-presidente da Toyota Taiichi Ohno em busca de tornar sua marca tão competitiva quanto a Ford, e aplicar um sistema administrativo que não sofresse com as limitações geográficas do Japão, assim ele desenvolveu o modelo de controle de estoque Just-in-time.

Os ideais do toyotismo são produzir a partir do que for consumido desta forma não dando espaço para estoques de espera, só produzir o que for ser vendido desta forma não dando margem para excedentes, em outras palavras, a busca incessante pela diminuição dos desperdícios ocorrentes na produção,

redução nos custos de transporte, aprimoramento nos técnicas de transformação dos bens, estocagem com controle de qualidade de forma que o armazenamento agregue valor ao produto, trabalho polivalente onde um operador pode trabalhar em varias maquinas as quais produzem de forma automatizada; flexibilidade e trabalho em equipe também são características do toyotismo.

Sempre objetivando produzir muitos modelos em séries reduzidas, desta forma uma mesma linha de montagem produzira veículos deferentes. O toyotismo torna-se forte aliado quando o fornecedor se propõe a produzir de maneira similar a uma distancia predeterminada das instalações da montadora, tal aspecto com que as limitações geográficas do Japão se tornassem um beneficio.

Por ser um sistema de organização de produção, o toyotismo apresenta uma proposta imediata as variações da demanda, exigindo uma organização flexível e integrada com o trabalho e os trabalhadores, caracterizando-se pelos cinco zeros: Zero de atrasos; Zero estoques; Zero defeitos; Zero panes; Zero burocracia.

Os japoneses conseguiram obter sucesso maior na conquista do mercado automobilístico e assim, conseguiram enfrentar melhor a crise econômica e a saturação do mercado, adaptando-se as mudanças tecnológicas com flexibilidade e integração no sistema de produção. Para tal, a Toyota, ao contrário da Ford, preferiu usar em suas fábricas máquinas simples, confiáveis, que não acarretassem pane. Não quis apostar apenas no uso de máquinas sofisticadas inteiramente robotizadas.

A idéia da racionalização da força de trabalho está na raiz dos conceitos que viriam a ter grande importância na moderna Administração: manufatura celular, autogestão e trabalho de equipe. Esses conceitos viriam a ser amplamente empregados em todos os sistemas de produção. (MAXIMIANO, 2004, p. 211)

Desta forma, o sistema da Toyota (toyotismo) tornou-se o principal dentre os existentes no meio automotivo, tendo tamanho aumento nas capacidades produtivas que não só montadoras, mas sim vários setores passaram a adotar o toyotismo como sistema de produção.

CAPÍTULO III

3.1. Terceira Onda

A Terceira Onda também conhecida como Terceira Revolução Industrial ou Revolução Técnica científica informacional teve início na metade do século XX, principalmente na década de 1970, quando ocorreu uma série de descobertas e desenvolvimentos nos campos tecnológicos.

Essa nova etapa de produção está vinculada à inserção de uma enorme quantidade de tecnologia e informação, esta revolução tem uma ligação restrita à informática, robótica, telecomunicação, química, uso de novos materiais, biotecnologia, engenharia genética, busca por novas fontes de energia dando preferência as renováveis, entre muitos outros, que recentemente fazem parte de praticamente de todos os seguimentos produtivos que marcam essa etapa, assim como outros fatos marcaram as revoluções industriais do passado.

Esta nova revolução é um dos principais combustíveis para o desenvolvimento do capitalismo moderno e especialmente o processo de globalização que visa uma flexibilidade de informações e o agregamento da sociedade, formando uma aldeia global, além de um acelerado dinamismo no fluxo de capitais e mercadorias.

O desenvolvimento das tecnologias ligadas às telecomunicações graças a utilização de antenas via satélite, torres de telefonia móvel, cabos de fibra óptica, redes de computadores, satélites, satélites de tv e rádio e tudo que possibilita a velocidade das informações e automaticamente dos capitais e bens. Com o auxílio destes elementos um investidor pode facilmente diagnosticar os riscos que um determinado país pode oferecer, então certamente não será o foco de tal investimento. Nesse mesmo sentido é possível realizar transações econômicas em vários níveis sem mesmo sair do lugar, isso através do teclado ou de um mouse de computador, mesmo que o mesmo esteja a milhares de quilômetros de distância.

O sistema de transportes mesmo com o incremento das telecomunicações, é de suma importância nessa etapa da nova era da industrialização, pois o mercado se tornou cada vez mais dinâmico e requer velocidade, uma vez que esse está

cada vez mais exigente. Desse modo, para cumprir compromissos de entrega de matéria-prima ou mesmo de mercadorias é preciso ter um aparato logístico que garanta os fluxos ofertários das indústrias. Diante disso, o que facilita o dinamismo nesse sentido é a infra-estrutura como aeroportos, portos, rodovias, ferrovias, entre outros.

A produção agropecuária está ligada ao desenvolvimento de práticas vinculadas à pecuária e agricultura de precisão que tem sua base na biotecnologia, gerando uma produtividade elevada e baixos custos ao produtor, tais quedas também só foram possíveis através da automatização dos processos de irrigação, plantio, colheita e métodos de aproveitamento do solo por meio de novas formas para a adubagem e aumento das capacidades produtivas por metro quadrado.

A genética indica safras de alta produção, safras que crescem em solo arenoso ou salgado, safras que repelem pragas.[...] A reunião destes elementos libertará uma enchente de inovações diferente de tudo o que se viu ao longo da história. (TOFFLER, 1980, p.155 – 156)

Nas indústrias com máquinas e equipamentos de última geração que utilizam de uma restrita mão-de-obra, sendo que o processo produtivo é executado pela robótica, além de todos os setores econômico-financeiros que ingressaram em um profundo processo de modernização em suas funções e procedimentos, a fim de atender as exigências e também competir em um mercado que cada vez é mais forte, tendo na sua essência a nova forma administrativa que objetiva redução dos custos e maximização dos lucros.

Com a Revolução Técnica Científica cada vez mais os métodos produtivos estão se automatizando, devido as exigências do mercado que tornou-se extremamente consumidor, tendo sido influenciado pela globalização. Sendo este nutrido pelas grandes corporações industriais, que dita as tendências de consumo.

3.2. A necessidade de um novo pensamento

Com o avanço nos meios de comunicação, as indústrias tiveram a oportunidade de aprimorar suas técnicas de persuasão perante os clientes, mas tal processo ocorre de forma paulatina devido a dificuldade que os administradores encontraram em coordenar as novas formas produtivas com as necessidades dos consumidores, ambos mercado de bens e de serviços sofreram inúmeras alterações na suas formas de atuarem nos seus respectivos ambientes.

“A maioria das pessoas são culturalmente mais hábeis como analistas do que como sintetizadores,.. nós estamos à beira de uma nova idade de síntese. Em todos os campos, das ciências pesadas à sociologia, à psicologia e à economia – especialmente economia – estamos provavelmente para ver um retorno ao pensamento em grande escala, à teoria geral, à recomposição das peças. Pois está começando a nos parecer que nossa ênfase obsessiva no detalhe quantificado sem contexto, em medição cada vez mais detalhada de problemas cada vez menores, levou-nos a saber cada vez mais sobre cada vez menos.” (TOFFER, 2001 p. 137 – 138)

Devido ao aumento de pessoas que passaram a pensar de forma sintetizadora possibilitou o avanço na computação e internet abrindo um leque de oportunidade para o surgimento de novas empresas e culturas organizacionais, o crescimento de tais torna-se um condicionador para a manutenção do sistema capitalista, que a cada dia se renova através dos avanços nos meios produtivos, assim criando uma auto sustentabilidade que jamais nenhum sistema econômico social jamais teve.

No entanto com o aprimoramento dos meios de comunicação e a crescente necessidade de interação social, as pessoas passaram a ficar cada vez mais a mercê da interação social e do sistema social existente.

Hoje tal interação impossibilita que um individuo viva de forma isolada da sociedade estando completamente ligado ao padrão social que lhe é imposto. O homem passa a depender das industrias sendo estas as que lhe propiciam

subsídios para suas necessidades básicas, mas tal subsídio é recebido através de uma troca o empregada (proletário) vende sua força de trabalho e o empregador (burguês) a compra mediante o pagamento de um salário.

As grandes empresas com o acúmulo de capital passam a ter maiores oportunidades nos meios de comunicação, sim esboçando um padrão de vida fictício que passa a ser absorvido pela sociedade como sendo o padrão de vida real a ser seguido.

Com o crescimento do consumismo as empresas passam a produzir mais e empregar mais, os proletários tornam-se cada vez mais consumidores e dependentes dos salários oferecidos pelos burguês. A distribuição da renda se faz presente devido a tais trocas, mas em países que não tenham uma política de distribuição de renda eficaz, a diferença social tende a aumentar cada vez mais e aliada ao crescimento demográfico (populacional) onde põe no mercado de trabalho cada vez mais pessoas a fim de venderem sua força de trabalho, aumentando tal oferta, por outro lado as empresas através de tal situação reduzem o salário para poder empregar mais, criando uma classe social incapaz de consumir os próprios produtos produzidos por sua força de trabalho.

Os indivíduos que passam a trabalhar por cada vez menos, tornam-se marginalizados, com qualidade de vida inferior ao padrão ditado pelas empresas que são sustentadas pela sua força de trabalho.

Devido ao crescimento da robótica e automatização dos meios produtivos, a situação do proletário torna-se cada vez mais precária pois passa de empregado mal remunerado a desempregado sem nenhuma remuneração.

A necessidade de pensar de forma sintetizada tende a buscar uma solução para o problema existente, devido à má gestão social que cresce de forma generalizada. Uma política de distribuição de renda eficaz e desenvolvimento de novas formas de trabalho através do espírito do empreendedorismo passam a sanar a imensa diferença social assim criando equilíbrio econômico que não seja baseada puramente na desigualdade social.

3.3 A nova divisão do Trabalho

Desde a década de 1970 assiste-se uma modificação substancial na divisão do trabalho ocasionada principalmente por dois vetores estruturais no centro do capitalismo mundial. O primeiro vetor está associado ao processo de reestruturação empresarial, acompanhado da maturação da revolução tecnológica.

Com o aprofundamento da concorrência intercapitalista tem havido uma maior concentração e centralização do capital, seja nos setores produtivos, seja no setor bancário e financeiro, o que concede maior importância para o papel das grandes corporações transacionais. Na realidade, conformam-se oligopólios mundiais, responsáveis pela dominação dos principais mercados.

O segundo vetor está relacionado à expansão dos investimentos diretos no exterior. Apesar do avanço no fluxo de recursos estrangeiros em países semiperiféricos, ele permanece ainda muito fortemente concentrado nas economias centrais. Ainda que mais recentemente uma parte importante dos investimentos diretos no exterior tenha sido direcionada ao desenvolvimento industrial dos países de renda intermediária.

Durante os anos 50 e 60, a expansão das antigas empresas multinacionais para várias áreas geográficas ajudou a diversificar a especialização das firmas, diante da maior intensificação da competição inter-empresa, a partir da ajuda norte-americana na reconstrução europeia. A ampliação da competição em torno de novos mercados e a procura de menores custos de produção contribuíram para o estímulo à re-localização de determinados processos produtivos para os países semi-periféricos, especialmente.

Na década de 1970, com a nova onda de expansão das empresas multinacionais foi estimulada pela elevação dos preços de petróleo e de matérias primas. Dessa forma, a ampliação dos investimentos na construção de filiais nas economias periféricas e sobretudo nos países semi-periféricos proporcionou, de um lado, o reforço adicional na estratégia pró-sistêmica de industrialização em países de Subdesenvolvidos.

De outro lado, constituiu uma nova alternativa de multicolonialismo renovado, como forma de construção de vantagem competitiva por parte das empresas. Assim, as empresas multinacionais transformaram-se em corporações

transnacionais, ainda maiores e mais poderosas, com capacidade de considerar o mundo inteiro como espaço relevante para suas decisões de investimento e produção, provocando, por conseqüência, a reorganização do processo produtivo em grandes extensões territoriais.

A partir dos anos 80 assiste-se à reformulação de processos globais de acumulação de capital, coordenado por grandes corporações transnacionais que buscam incessantemente explorar novas oportunidades mais lucrativas de investimento, muitas vezes forjadas por ofertas de governos nacionais de rebaixamento de custos e de financiamentos domésticos subsidiados. Essa submissão por parte de vários governos nacionais favoreceu o transplante de partes da cadeia produtiva, através da formação de redes de subcontratação vinculadas às corporações transnacionais, que podem ser de três tipos distintos. A subcontratação primária que ocorre pelo uso de serviços diretos dos compradores finais, como a distribuição de produtos, enquanto a subcontratação secundária implica alguma montagem de equipamento ou produto, com baixa agregação de valor. Na subcontratação terciária há vínculos semi-permanentes na obtenção de materiais e uniformização do processo produtivo.

De toda forma, a atuação mais recente das corporações transnacionais tendeu a se diferenciar do padrão dos anos 50 a 70, quando havia uma séria intenção de suas filiais internalizar plantas industriais que guardavam alguma relação com a matriz. Ao longo da década de 1990, a estratégia marcante das corporações transnacionais foi a de procurar permanecer mais livre possível dos investimentos de longa duração, com o intuito de explorar rapidamente as oportunidades lucrativas de investimento, abrindo e fechando plantas produtivas quantas fossem necessárias.

A constante disputa por custos ainda mais rebaixados faz com que a corporação transnacional desloque sua capacidade produtiva para outras localidades sempre que houver oportunidade maior de lucratividade. Com isso, o reforço da produção industrial ocorreu aos saltos, com a transferência, muitas vezes, de operações de montagens mais simples e rotineiras, que exigem menor nível de qualificação de seus empregados. A simples atração de empresas estimuladas pelos baixos custos impede que a diferença de renda que separa o centro capitalista da periferia e da semi-periferia seja reduzida. Entretanto, as partes mais complexas do processo produtivo terminam em grande parte das vezes não

sendo externalizadas pela grande empresa, considerando que as corporações transnacionais especializam-se mais do que modificam por completo seu mix de produção.

Assim, os países subdesenvolvidos, no intuito de oferecerem condições mais satisfatórias à atração das corporações transnacionais, aceitam, em grande parte das vezes, o programa de agências multilaterais como FMI e BIRD, que termina provocando o rebaixamento ainda maior do custo do trabalho (usando recurso público para qualificar mão-de-obra, criar contratos de trabalho especiais, ampliar jornada de trabalho, entre outros) e a desregulamentação dos mercados de trabalho. Além de provocar a piora na distribuição da renda, não há garantias de que não possa existir um novo deslocamento do processo produtivo para outra localidade.

3.4. A Importância da Revolução Técnico Científica nas Empresas

A chamada informatização que entre pontos distantes do planeta se apresenta, através da melhoria dos serviços de telefonia, popularização da Internet e dos canais de televisão por assinatura, está se constituindo num dos principais influenciadores, que está obrigando as Empresas a reverem suas estratégias tradicionais de administração.

Todas as informações de marketing na Área da Atividade Mercadológica serão indispensáveis, para que sejam tomadas decisões adequadas sobre Produto, Preço, Distribuição e Promoção. Os crescimentos nos fluxos da Economia Estrangeira serão decorrentes da abertura das Empresas ao investimento estrangeiro possibilitada pelas inovações nas telecomunicações e na informática, sendo assim, cada vez mais as empresas vêem o mercado se expandindo, tanto no que diz respeito o demanda como em incentivo de terceiros que procuram diversificar seus meios de investimento.

Desta forma, torna-se cada vez mais claro que, além do seu papel clássico de possibilitar o aumento da produção e a geração de empregos, o investidor estrangeiro passou a ser uma das principais modalidades de acesso ao mercado de

tecnologia e financiamento, uma vez que todos os elementos tendem a fazer parte de um único pacote. (RICUPERO, 1995, p. 22)

Com o crescimento do mercado financeiro empresas de todo o mundo estão à procura de abrirem seus capitais deixando de serem empresas (Sociedades) limitadas de capital fechados, isto é as quais tem um pequeno numero de sócios e suas ações não estão à venda em mercado financeiro, buscam tornar-se empresas (sociedades) de capital aberto as quais tem um grande numero de sócios (acionistas) que compram cotas (ações), nos mercados financeiros como forma de investimento, assim empresas em expansão estão obtendo investimentos que possibilita nos aprimoramentos dos meios produtivos tornando-as cada vez mais competitivas.

A informatização tem um papel de suma importância graças ao seu poder de divulgação e rápida assimilação de informações e grande penetração, com estas variáveis qualquer pessoa do mundo pode tornar-se acionista. Estes acionistas compram títulos que podem ser vendidos mais a frente por um valor maior, ou seja, o tempo agrega valor, caso os investimentos de tais empresas sejam gastos de forma apropriada e precisa.

Outro aspecto que se deve levar em conta, é o rápido aprimoramento de técnicas administrativas, graças aos canais informativos cada vez mais velozes proporcionam meios mais efetivas de planejamento, organização, direção e controle, tais técnicas podem estar ligadas a softwares específicos para certos seguimentos. Afinal o sistema de administração torna-se semi automatizado dependendo apenas de pessoas para tonar decisões e suprir tais programas com informações.

Ramos e sedimentos industriais são quase que constantemente inovados por empreendedores. Cada vez mais amplos os mercados se tornam, devido a setores comerciais. A informática passa a ser um dos seguimentos industriais mais rentáveis e inexplorados ou com maior possibilidade de crescimento devido às redes sociais que passaram a ser uma forte meio de divulgação de mercadorias e serviços.

3.5 Administração Informatizada

As decisões do processo administrativo classificam-se em quatro tipos principais: planejamento, organização, direção e controle. Usam-se também outros termos como sinônimo de administração, da maneira como foi aqui definida. Gerenciamento e gestão são os principais. Segundo vários autores o conceito de administração informatizada não foge muito dos conceitos de administração que vem de muito longe, mesmo antes do aparecimento da informatização nas organizações, como podemos notar na seqüência de fatos.

Para gerir a informática em qualquer organização, é importante ter características e atributos gerenciais que giram em torno da intencionalidade, da organização, da intuição e da oportunidade. [...] Todo administrador, inclusive o de informática, qualquer que seja o seu nível, deve conhecer e ter habilidades conceituais, humanas e técnicas. Se existe um pouco de espírito de liderança na pessoa do administrador, teremos então a condução do processo de informatização dirigido para a disposição de uma memória coletiva capaz de permitir o atingimento de resultados esperados. (MANÃS, 1999, p. 244)

Na medida em que as velhas regras de fazer negócios tornam-se obsoletas, as empresas devem ser flexíveis e adaptáveis aos tempos de rápidas mudanças. As empresas, como as pessoas, aprendem novas coisas e evitam ficar obsoletas. Mais do que meramente reagir às mudanças, elas devem antecipar as mudanças e estar à frente delas como já previa LAMOTTE, quando nos diz que:

Ao lado de benefícios potenciais que a disseminação da informática poderá trazer, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento econômico e social do País, devem ser considerados os possíveis custos sociais que este processo pode acarretar em particular no que tange o nível de emprego. Cumpre compatibilizar, portanto, a necessidade de

informatização da sociedade e modernização industrial com a necessidade de minimizar efeitos indesejáveis sobre a absorção e utilização de mão-de-obra. (LAMOTTE, 1993. p.14)

Entre os problemas que os administradores enfrentavam no século XIX estava o grande número de trabalhadores necessários para operar o maquinário, acompanhar consumidores e guardar registros e livros. Muitos administradores tentaram resolver esse problema utilizando controles rígidos e coordenação sistemática. Hoje como ressalta Rezende:

A sociedade demanda de profissionais capacitados para elevar o software no sentido de sistemas empresariais, contribuindo de fato com as organizações modernas e seus respectivos negócios e processo de tomada de decisões nos seus diversos níveis (estratégico, tático e operacional). (REZENDE, 1997, p. 1)

A abordagem mais eficaz depende não apenas do potencial tecnológico para apoiar as necessidades estratégicas da organização, mas também das habilidades e capacitação das organizações em explorar tecnologias com sucesso. A Sociedade de informação está tendo um profundo impacto nos negócios e na competição, a sociedade de informação é uma realidade econômica, não uma abstração intelectual. A informática é a ciência do tratamento racional e automática da informação, considerada esta como suporte dos conhecimentos e comunicações, informação é o conhecimento, resultante de análise e combinações de vários informes, ou ainda, coleção de fatos ou de outros dados fornecidos à máquina a fim de objetivar em processamento e conhecimento em informação e emitir e receber mensagens por meio de métodos e processos convencionados, que através de linguagem falada ou escrita, quer de outros sinais, signos ou símbolos, quer de aparelhamentos técnicos especializados.

As abordagens contemporâneas, desenvolvidas a partir das necessidades do mercado, têm visado superar as limitações das abordagens clássicas e propor idéias válidas para a moderna administração. O Domínio, mínimo que seja, de

novas tecnologias visa possibilitar que a administração de informática tenha possibilidade de oferecer à organização soluções mais ágeis e coerentes com sua realidade.

Tendo em vista que a informática é a ciência do processamento racional, principalmente por computadores eletrônicos, da informação considerada como suporte do conhecimento humano e das comunicações nos domínios técnicos, econômicos e sociais.

A abordagem da administração quantitativa, com a ajuda dos modernos computadores, permite aos administradores considerar muitas variáveis em sua busca pela solução dos problemas.

A constante evolução dos negócios, mercados e economias tem acarretado uma turbulência acentuada. Em tempos turbulentos uma empresa deve manter-se ágil, forte e sem gordura, capaz de suportar esforços e tensões, e capaz também de se movimentar rapidamente para aproveitar as oportunidades. É nessa postura que a Informática pode ser decisiva para o sucesso ou fracasso de uma empresa. Continuando é preciso tornar as empresas já existentes, e especialmente as grandes, capazes de inovação. É de suma importância haver uma estratégia de inovação que permita identificar as oportunidades e assumir a liderança. Não será mais suficiente ampliar, estender, modificar ou adaptar as tecnologias atuais. A informática pode ser incluída neste aspecto como uma tecnologia que altera as operações da empresa, seus produtos e serviços, seus relacionamentos com parceiros, mercados e concorrentes. Onde a dimensão mais importante numa tecnologia é seu valor competitivo e sua capacidade de agregar valor ou produto seja em nível de qualidade ou aprimoramento da produção.

Desta forma podemos avaliar que a informatização apesar que se um fator que auxilia no processo de globalização, caminha em ritmo acelerado no que diz respeito a técnicas de produção, e redução da mão de obra por consequência, desta forma tanto a informatização e a globalização estão ai afim de celebrar o capitalismo.

3.6. O novo modelo de Família

O modelo de família que por muito tempo foi considerado o ideal e predominante em nossa cultura é o da família nuclear, mas ele passou por inúmeras transformações nas últimas décadas, hoje em dia existem não só um modelo de família a ser seguido e sim vários que passaram a ser aceitos e seguidos pela sociedade.

A vinda da Terceira Onda não significa, naturalmente, o fim da família nuclear mais do que a segunda onda significou o fim da família extensa. Significa, antes, que a família nuclear não pode mais servir como modelo ideal para a sociedade.

(TOFFLER, 2001, p. 215)

As novas configurações de família são questionadas se podem ser consideradas realmente como modelo de família adequada ser seguido, mas é de grande importância ser feita a ressalva que estes novos sistemas, são baseados nos preceitos fundamentais que regem o consenso correspondente a valores tradicionais como, respeito, dependência, reciprocidade e responsabilidade que regem a base social.

Não se pode perder de vista que os novos modelos familiares são reflexos das transformações sociais e econômicas e a alteração dos hábitos sexuais, a informatização é um dos fatores responsáveis pela reestruturação dos no que diz respeito a controle de natalidade e inserção da mulher no mercado de trabalho.

As relações de gênero são abordadas neste contexto de transformações sociais e familiares, pois com a mudança na relação homem e mulher a identidade autônoma da mulher se estabelece de forma mais clara à sociedade.

A mulher ao sair de casa para ingressar no mercado de trabalho, movida pelas situações sociais e familiares. Insere-se à vários setores da sociedade como igrejas, associações e sindicatos. Múltiplos são os fatores que provocaram esta representatividade da mulher no mercado de trabalho, mas destes, destaca-se a necessidade da mesma em manter e ajudar no orçamento familiar.

Apesar do homem ter sua força de trabalho mais valorizada do que as mulheres, as mulheres tem busco maior colocação do mercado de trabalho e passando a se tornar uma membro mais ativo dentro da família, esta busca é um

levante ocorrido devido a sua necessidade de maior reconhecimento tanto no patamar pessoal quanto no profissional. A partir das mudanças sociais e econômicas, houve uma redefinição dos papéis do homem e da mulher, mas ainda assim a mulher acumula a responsabilidade da dupla jornada. Sendo ela responsável pela família (os filhos e o companheiro) além dos afazeres domésticos. Contudo, ressalta-se que atualmente em muitas famílias, há uma divisão nas tarefas domésticas e os responsáveis repartem as responsabilidades sobre os filhos, mas, a sociedade ainda associa estas atividades à mulher.

Em decorrência do divórcio, muitos casais têm se organizado recompondo a família, e retrocedendo ao modelo nuclear mas com a variação de que a mulher apesar de ainda ter responsabilidades com o dever doméstico devido aos fatores culturais ocorridos durante a Segunda Onda, passaram a tornar-se o pilar principal da família.

Estas transformações sociais, culturais, e econômicas que influenciaram diretamente no âmbito familiar, apesar de apontarem pontos positivos e negativos à nova família, não destituiu da mesma a responsabilidade sobre os indivíduos integrantes da família.

Mesmo através das modificações no modelo de família. A família e as pessoas continuam com arraigadas culturalmente a modelo nuclear. As diversas transformações refletidas no campo familiar têm gerado conflitos internos à família, sendo que

...Como ficamos nós, homens e mulheres frutos de uma geração de transição? Saímos de um longo tempo de papéis rigidamente delineados e cultuados, bruscamente para uma fase em que tudo foi questionado, criticado... e ainda não se sabe, pois novos papéis estão apenas delineados e tudo está por ser construído.

... ao homem criado desde pequenino para ser macho, durão provedor e protetor, se cobra de repente que seja sensível, colaborador... Criado para competir na selva do mercado de trabalho é agora convidado a dar mamadeiras, a trocar fraldas. Criado para prover, agora dele se espera que se reveze com a mulher nos cuidados com o bebê, enquanto ela sai, trabalha e ganha seu próprio dinheiro. À mulher criada

desde pequenina para ser suave, sensível, compreensiva e meiga, se cobra de repente que seja indiferente, competitiva, agressiva no mercado de trabalho e que progrida profissionalmente. (CHERVENY, 1997, p.64-65)

Estes são dentre outros, fatores recentes, importantes e relevantes à instituição familiar, sendo que a partir destas novas responsabilidades atribuídas ao homem, a mulher, a criança e ao idoso, estes se reorganizam da forma que conseguirem, mesmo que esta organização não siga os moldes tradicionais da família nuclear. Assim, surgem os novos arranjos familiares, baseados nas vivências e experiências particulares e de cada família, onde os membros indiferentes do gênero são prescritos a desempenhar funções de acordo com as particularidades atuais das famílias e não mais seguir rigidamente as práticas tradicionais onde o homem e a mulher têm suas funções pré-determinadas.

Ao focar os novos arranjos familiares, é de suma importância ressaltar que não cabe analisar o grau de bom ou ruim em relação à família nuclear e os novos arranjos familiares, mas sim ressaltar o atual, o real na vida familiar, onde indiferente da maneira que se organizar, os indivíduos são pertencentes a um grupo familiar e este lhe oferece laços afetivos (não que sejam necessariamente laços de sangue), valores e funções.

Nota-se que apesar dos novos modelos familiares serem uma constante, o modelo de família nuclear é ainda fortemente presente, e os novos arranjos acabam por reforçar a noção de família nuclear, pois ao ser considerada ideal o modelo hegemônico, as famílias que se organizam de forma diferente desta são conhecidos como erradas e os próprios membros da família como a sociedade em geral acaba por discriminar tais modelos e o preconceito em relação às mesmas se acentua.

A família nuclear possui hoje novas características sendo que parte considerável destas famílias possui além do pai, mãe e filhos, atualmente acolhem também netos. Estes estão diretamente ligados à gravidez precoce, que tem levado diversos a assumirem a paternidade e maternidade sem assumirem a união formal ou constituírem nova família.

Em relação a estes novos arranjos familiares, é interessante percebê-los inseridos em todo o processo histórico e cultural a qual estão inseridos.

Um modelo familiar curioso e um tanto quanto novo em relação ao nosso estudo são as famílias de irmãos com filhos. Sem a presença dos pais ou dos companheiros, as pessoas se organizam juntamente com os filhos formando uma nova organização familiar.

O número de pais com filhos tem aumentado, apesar da porcentagem inferior em relação aos outros arranjos, é importante ressaltar que este modelo de família vem aparecendo de maneira discreta e ao mesmo tempo instigante, pois nele o pai além de ser o provedor, atrai toda a responsabilidade da dinâmica familiar a si.

A partir de todo o levantamento, nota-se que apesar do modelo nuclear de família ser considerado ideal, sua hegemonia está abalada pelos novos modelos e os profissionais que trabalham diretamente com indivíduos, indivíduos estes diretamente ligados e direcionados a algum tipo de organização familiar devem estar atentos a tais transformações buscando compreender que os novos arranjos familiares, por mais distintos que sejam, são famílias e a dinâmica que estão inseridos é de fundamental importância ao trabalho social.

Assim os projetos e programas desenvolvidos com famílias devem visar concretizar um trabalho onde as famílias consigam ver sua importância no processo histórico da sociedade de seu fortalecimento enquanto unidade familiar, independentemente de sua organização, é um espaço inicial que se tem para exercer a cidadania.

3.7. Importância do Sistema de Informações

A Informação tornou-se um dos principais patrimônios das empresas, sendo esta a responsável pelo diferencial para as empresas no que diz respeito ao demandas de decisões. Com o espírito de competição que as corporações empresariais passaram a adotar ao longo da Segunda Onda, não é de se estranhar que na Terceira Onda as informações assumiram um fator de vital importância para a sobrevivência e manutenção empresarial.

O processo de decisões esta restritamente ligada às informações sobre o mercado, economia, família, comportamento, moda entre outros fatores determinantes para mudança e adaptação do produto ou serviço no mercado organizacional, de acordo com CASSARO o conceito universal, genérico, que é valido para

qualquer sistema físico e material pode ser enunciado da seguinte forma: “Sistema é um conjunto de partes e componentes, logicamente estruturados, com a finalidade de atender a um dado objetivo” (CASSARO, 2003, p. 32). No campo empresarial podemos afirmar que o sistema de informações pode ser descrito como um Sistema é um conjunto de funções logicamente estruturadas, com a finalidade de atender a determinados objetivos. Desta forma é nítida que toda empresa é um sistema, um grande sistema, um macro-sistema.

O sistema de informações empresarial tornou-se um dos seus maiores ativos, sendo ele responsável se utilizado por gerentes e Administradores de forma correta como o principal fator a ser levado em conta no processo de tomada de decisões, é possível se discriminar que empresas que fazem bom uso das informações tem maior margem de eficiência no seu mercado de atuação.

Uma decisão nada mais é do que uma escolha entre alternativas, obedecendo a critérios previamente estabelecidos. Estas alternativas poderão ser os objetivos, os programas, as políticas em uma atividade de planejamento, os recursos, estrutura e procedimentos em uma atividade organizacional. As alternativas seguem um modelo que nos possibilita vislumbrar ou simular as tomadas de decisões, assim possibilitando que ocorra uma redução nos erros que tais decisões podem acarretar a uma empresa.

O estabelecimento das alternativas segue um parâmetro traçado dentro da cultura organizacional e dos objetivos que uma empresa deseja alcançar, sempre estando respaldados no avanço tecnológico ocasionado através da terceira revolução industrial.

A checagem para a análise de êxito ou fracasso ocorre de forma simples sendo apenas a comparação entre os resultados atingidos e resultados pretendidos, desta forma se houver necessidade novos parâmetros para a tomada de decisões podem ser estipulados a fim de reduzir a margem de fracasso.

O conjunto interdependente das pessoas, das estruturas da organização, das tecnologias de informação (hardware e software), dos procedimentos e métodos que deveria permitir à empresa dispor, no tempo desejado, das informações que necessita (ou necessitará) para seu funcionamento atual e para sua evolução. (MAÑAS, 1999, p.16)

O processo de decisão baseia-se na quantidade e qualidade das informações colhidas e verificadas sobre o produto ou serviço praticado no mercado, desta forma é possível analisar as informações e abstrair delas todas suas irrelevâncias, e a partir de então tomar decisões que possam ser maximizar os êxitos perante os objetivos da empresa. Entre todas as condições encontradas que determinam as informações na tomada de decisão pelo gestor empresarial está o processo da informação, como a informação é tratada, ordenada e manipulada no mundo empresarial. Tendo em vista que a confiabilidade as informações são de máxima de relevância para a Administração do processo de tomadas de decisões, isto em qualquer esfera.

3.8. Democracia do Século XXI

Com os avanços ocorridos devido a transformações trazidas pela Terceira Onda, a sociedade que conhecemos esta sucumbindo através das inovações e do paradoxo entre a mente humana e a tecnologia, da mesma forma que os sistemas sociais que sucederam este vigente, a necessidade que os fizeram implantar um novo sistema “foram compilados, arrastados pela força da maré dos eventos, temendo o colapso de um governo ineficaz, paralisado por princípios inapropriados e estruturas obsoletas” (TOFFLER, 2001, p.408), estas são as principais causas para a ineficiência da sistema político perante o pensamento revolucionário que nos cerca.

De acordo com TOFFLER a democracia atual e o sistema vigente:

O sistema de governo... inclusive os próprios princípios em que o basearam, está cada vez mais obsoleto, e daí, embora inadvertidamente, cada vez mais opressor e perigoso para o nosso bem-estar. Deve ser radicalmente modificado e inventado um novo sistema de governo – uma democracia para o século XXI.

...nenhum governo nenhum sistema político, nenhuma constituição, nenhuma carta ou estado é permanente, nem as decisões do passado podem prender o futuro para sempre. E

nem um governo projetado para uma civilização pode medir-se adequadamente com o seguinte. (TOFFLER, 2001, p.409)

A reestruturação ou criação de um novo sistema político se faz necessária devido às necessidades inerentes das novas formas de família, trabalho, comportamento, interação social, etc. Permanecer em sistema que já não mais é capaz de estabelecer subsídios básicos para um mundo que gira cada vez mais rápido.

A necessidade de novas instituições políticas corresponde exatamente à nossa necessidade de novas famílias e igualmente novas instituições educativas e empresariais. Isto está profundamente encravado em nossa busca de uma nova base de energia, novas tecnologias e novas indústrias. Reflete as convulsões nas comunicações e a necessidade de reestruturar as relações como mundo não-industrial. É, em suma, o reflexo político das mudanças aceleradas em todas estas esferas diferentes. (TOFFER, 2001 p. 427)

Os choques entre os pensamentos políticos e econômicos entre a Segunda e Terceira Onda fundaram com que os sistemas sociais trazidos através da superluta (Choque entre a Segunda e a Terceira Onda) tornem-se os pilares da nova sociedade, os ideais condicionados pela Terceira Onda tornará o mundo moldado em função das prioridades requeridas com a vinda da Revolução Técnico Científica.

CONCLUSÃO

A nova civilização que está emergindo, graças à evolução científica em vários campos, desde há genética até a robótica. O pulmão de tal é o progresso, proporcionado pela globalização, que se torna cada vez mais contundente na vida das pessoas com o auxílio da informatização, ela cada vez mais se propaga possibilitando que se fale de uma aldeia global.

Estas mudanças parecem ocorrer de forma rápida e inalcançável, pois a cada dia temos avanços nos diversos ramos do conhecimento. Porém é de suma importância avaliar as possibilidades econômicas que tal integração possibilita as empresas. Além de um diverso modo administrativo e produtivo, que cada vez mais se torna automatizado. “A grande indústria, forçada pelos próprios instrumentos de que dispõe a produzir numa escala cada vez mais ampla, já não espera pela procura. A produção precede o consumo, a oferta força a procura.” (MARX, 2007, p.64)

O homem se vê em mundo menor e com um acesso a informação nunca foi vista antes, mas mesmo com a evolução dos sistemas sociais é notória a exploração que as classes menos favorecidas sofrem perante uma busca incessante por maximização de lucros nas empresas.

Outrora os patrícios e nobres viviam a custo do trabalhador das classes inferiores e hoje a burguesia vive da mesma forma impondo serviços aos proletariados que se vêem obrigados a aceitá-los, pois esta é a única forma de se obter subsídios para sua sobrevivência.

Outro aspecto de suma importância e a necessidade da reformulação nos sistemas de governo tendo em vista que os sistemas vigentes não estão preparados para o a forma de vida mais arrojada, ao processo de reformulação da família e as novos caminhos econômicos que o avança da informatização propiciou.

a construção de uma nova civilização sobre os destroços da velha, envolve o projeto de novas estruturas políticas mais aprimoradas em muitas nações ao mesmo tempo. Isto é um

projeto penoso e, contudo, necessário, de âmbito mental estonteante e que certamente levará décadas para concluir.

(TOFFLER, 2001, p.410)

O processo de informatização está longe de alcançar sua epifania, no entanto é possível vislumbrarmos que a Primeira Onda ocorreu de forma paulatina e decorreu ao longo de milênios, a Segunda Onda teve seu processo de maturação levou décadas e prolongou-se por séculos, já a Terceira Onda iniciou-se de forma avassaladora tendo anos para seu surgimento e sua influencia na sociedade, porém deve durar poucas décadas, mas suas rastro irá deixar na sociedade marcas que jamais foram vistas onde devido exatamente pela sua rapidez em ditar suas tendências para o novo século.

A relação social neste período é extremante influenciado pelos novos meios de interação derivadas das computarização a informatização é algo de rompe dos os paradoxos sociais, causando aproximações culturais que com o choque de pensamento facilitam na assimilação de diversas novas formas de relacionamento.

A socialização do homem com os meios eletrônicos o trona dependentes de tais meios desta forma gerando o cerne para a cultura econômica, social e cultural baseada nos velozes meios de comunicação, “com um pouco de inteligência e um nadinha de sorte – a civilização emergente pode ser tornada mais escorreita, sensata e suportável, mais decente e mais democrática do que qualquer outra que já conhecemos” (TOFFER, 2001, p. 17)

Então podemos concluir que ao longo da História a exploração se faz presente mesmo nos povos mais prósperos, sendo estes até mais incisivos nos seus métodos de praticá-las, infelizmente hoje estes métodos tonaram-se técnicas tendo respaldo científico, possibilitando que a mesma, ocorra de forma sutil e com uma nova abordagem, mas com o mesmo intuito de favorecer uma classe social abastarda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, R. *Gestão da Mudança: caos e complexidade nas Organizações*. São Paulo: Atlas, 1999.

BRUIT, Héctor H. *O imperialista*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Atual, 1986.

CASSARRO, Antonio Carlos. *Sistemas de Informações para Tomada de decisões*. 3ª edição, São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

CEVERNY, C. M. O. *Família e o ciclo vital : nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CHIAVENATO, I. *Introdução à Teoria da Administração*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

DOMINGOS, Reinaldo. *Teoria Geral Da Administração*. 7ª Ed. São Paulo: EA, 1996.

DRUCKER, P. F. *Sociedade Pós-capitalista*. 8ª Ed. São Paulo: Pioneira, 1994.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família da propriedade privada e do estado*. 2ª Ed. São Paulo: Editora escala, 2002.

GEORGE Jr. C. S. *História da Administração*. 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 1986.

GEORGE Jr. C. S. *História do Pensamento Administrativo*. São Paulo: Cultrix, 1974.

HUBERMAN, Leo. *Historia da riqueza do homem*. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar editora, 1981.

IGLESIAS, Francisco. *A revolução industrial*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

KIERNAN, M. J. *11 Mandamentos da Administração do século XXI*. 2ª Ed. São Paulo: Markron Books, 1998.

KOSHIBA, Luiz. *História origens, estruturas e processos*. São Paulo: Atual editora, 2000.

LAMOTTE, Sebastião Nunes. *O Profissional de Informática*. São Paulo: Editora Sagra & DC Luzzatto Editores, 1993.

LEVY, A . R. *Competitividade Organizacional*. 3ª Ed São Paulo: Makron Books, 1992.

MANÃS, Antonio Vico. *Administração da Informática*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Erica Ltda., 1994.

MAÑAS, Antonio Vico. *Administração de Sistemas e Informações*. São Paulo: Editora Érica, 1999.

MARX, Karl. *O Capital*. 8ª Ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1986. Vol 4.

MARX, Karl. *A Miséria da Filosofia*. São Paulo: Editora escala, 2002.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru, *Teoria Geral da Administração*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

OAKLAND, J. S. *Gerenciamento da Qualidade Total – TQM*. 11ª Ed. São Paulo: Nobel, 1994.

REZENDE, Denis Alcides. *Engenharia de Software Empresarial*. São Paulo: Editora Brasport, 1997.

RICUPERO, Rubens, *Quem tem medo das transnacionais*, Caderno de Economia. Folha de São Paulo, São Paulo. 1995.

SCHAFF, Adam. *A Sociedade Informática*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

TAYLOR, F. W. *Princípios de Administração científica*. 17ª Ed. São Paulo: Atlas, 1970.

TOFFLER, Alvin. *A terceira onda*. 26ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VIET, J. *Métodos Estruturalistas nas ciências Sociais*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1967.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 2ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 2004.